

# Rapé como prática cultural integrativa e terapêutica dos povos indígenas: um estudo de caso a partir do olhar indígena<sup>1</sup>

Rapé as an integrative and therapeutic cultural practice of indigenous people: a case study from the indigenous perspective

Rayanne Cristine Maximo França<sup>2</sup>, Tanielson Rodrigues da Silva<sup>3</sup>,  
Ezaul Evaristo da Silva Santos<sup>4</sup>, Denise Osório Severo<sup>5</sup>,  
Victor Py-Daniel<sup>6</sup>, Maria da Graça Luderitz Hoefel<sup>7</sup>  
Universidade de Brasília

## Resumo

A utilização das plantas nas práticas tradicionais de saúde constitui parte da cultura de muitos povos indígenas, cujos saberes são transmitidos de geração em geração. Uma das formas de uso tradicional, se dá através do rapé (tabaco e outras ervas em pó). Esta pesquisa busca conhecer o uso do rapé por povos indígenas situados no Acre, Amazonas e Paraíba, buscando compreender suas concepções, significados, efeitos culturais e medicinais para tais povos. Os sujeitos de pesquisa foram constituídos por pajés (xamã), lideranças e membros de comunidades dos Povos Kulina, Kaxinawá, HuniKuín e Nawa (Acre); Potiguara (Paraíba) e os Baniwa e Tukano, (Amazonas). Foram realizadas 23 entrevistas. Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (1977), que conduziu à apreensão de três categorias: “Rapé e medicina tradicional”; “Paricá e cosmovisão indígena”; “Transcendência e cura”. Evidenciou-se que o uso do rapé está associado às questões relacionadas à harmonia, bem-estar, proteção que são elementos da cosmovisão indígena.

**Palavras-chaves:** rapé, cosmovisão indígena, medicina tradicional, promoção da saúde.

---

1 Recibido: octubre 8 de 2016. Aceptado: diciembre 14 de 2016.

2 Graduanda de Enfermagem na Universidade de Brasília – Indígena do Povo Baré (AM). E-mail: rayannecrist@gmail.com

3 Graduando de Eng. Florestal na Universidade de Brasília – Indígena do Povo Potiguara (PB). E-mail: poranpotiguara@gmail.com

4 Graduado em Nutrição pela Universidade de Brasília – Indígena do Povo Nunikinin (AC). E-mail: ezaul\_ev@gmail.com

5 Professora Adjunta da Universidade de Brasília – Departamento de Saúde Coletiva. E-mail: deniseosorios@hotmail.com

6 Biólogo - Pesquisador Colaborador Sênior da Universidade de Brasília. E-mail: katukina@gmail.com

7 Professora Adjunta da Universidade de Brasília – Departamento de Saúde Coletiva. E-mail: gracahoefel@gmail.com

## Abstract

The use of plants in traditional health practices is part of the culture of many indigenous peoples, whose knowledge is transmitted from generation to generation. One of the traditional ways of using it is through the rapé (tobacco and other herbs powder). This research aims to analyze the use of rapé by indigenous peoples located in Acre, Amazonas and Paraíba, regarding its conceptions, meanings, cultural and medicinal effects for such people. The research subjects were pajés (xamã), leaders and members of communities of Kulina, Kaxinawá, HuniKuín and Nawa people (Acre); Potiguara (Paraíba) and the Baniwa and Tukano, (Amazonas). We conducted twenty three interviews in this research process. Bardin's Content Analysis (1977) were employed to analyze the collected data, which led to the apprehension of three categories: "Rapé and Traditional Medicine"; "Paricá and Indigenous cosmovision"; "Transcendence and health". This research demonstrate that the use of rapé is associated with issues related to harmony, well-being, protection, elements of the indigenous cosmovision.

**Keywords:** rapé, indigenous cosmovision, traditional medicine, health promotion.

## Introdução

A utilização de plantas para cura de doenças constitui uma prática utilizada por muitos povos indígenas como saber transmitido de geração em geração. As plantas são manipuladas e utilizadas de diversas maneiras e uma delas é em forma de rapé. Embora ele seja utilizado por muitos povos indígenas do Brasil, não se sabe precisamente quais são as concepções, significados e formas de utilização do mesmo por distintas etnias distribuídas em diferentes territórios do país.

Sabe-se que a experiência da doença e as práticas de cura adotadas entre os povos indígenas distingue-se completamente dos sistemas de representação e das formas de atenção à saúde construídas e historicamente instituídas pelos não-indígenas. Estas particularidades se fundam nas diferenças socioculturais e, como tal, exigem a compreensão e a construção de caminhos de diálogos entre as distintas racionalidades. Com efeito, a superação do modelo biomédico de atenção e formação em saúde passa necessariamente pelo entendimento e reconhecimento de outros sistemas de pensamento e práticas terapêuticas cujo diálogo de saberes se dá entre racionalidades diferentes.

De acordo com Langdon e Wiik (2010), as práticas de cuidado, os rituais, os hábitos de saúde e as restrições no uso de dadas terapias são atravessados e mediados por sistemas culturais diferentes e frequentemente opostos aos padrões culturais sobre os quais o sistema biomédico se funda e os profissionais de saúde são formados. Os autores ressaltam que o sistema de atenção à saúde não está dissociado dos demais elementos gerais que compõem cada cultura, da mesma maneira que um sistema social não está desarticulado do modo como cada sociedade e grupo social se organiza.

Nesse sentido, os autores ponderam que somente a partir do conhecimento integral dos elementos que compõem a organização cultural e social de cada povo é que as lógicas e práticas relacionadas à saúde dos sujeitos que fazem parte de uma dada sociedade portadora de um sistema cultural próprio (Langdon & Wiik, 2010) poderão ser compreendidas, bem como os significados e relações estabelecidas com outros sistemas e práticas de saúde exógenas à sua cultura.

Nota-se que, apesar de o Sistema Único de Saúde<sup>8</sup> (SUS) reconhecer o uso de plantas medicinais e demais práticas integrativas, escassos são os estudos que visam compreender seus usos e significados a partir do olhar indígena e de suas formas de concepção de mundo e sua relação com os processos de viver e adoecer culturalmente construídas.

Considerando a importância cultural e social de preservação das práticas e saberes relacionados à medicina tradicional e a importância de tais práticas para subsidiar a construção de políticas de saúde indígena capazes de respeitar as peculiaridades destes povos, esta pesquisa busca conhecer o uso tradicional do rapé por povos indígenas situados no Acre, Amazonas e Paraíba, com vistas à compreensão das concepções, significados e efeitos culturais e medicinais para tais povos.

### **Rapé, práticas tradicionais e práticas integrativas no Sistema Único de Saúde: distintas racionalidades**

A realização de práticas tradicionais de cura e utilização de plantas medicinais para tratamento de doenças são parte do patrimônio cultural e social dos povos indígenas e constituem-se como práticas ancestrais que expressam saberes e revelam, sobretudo, outras racionalidades e formas singulares de

---

8 Nota del editor: el SUS es el sistema público de salud de Brasil, instituido en 1988, que ofrece a todos los ciudadanos acceso integral, universal y gratuito a los servicios de salud.

compreensão e relação com os processos saúde-doença. A indissociabilidade entre estes processos e a dimensão cultural dos distintos povos reflete-se nas diferentes práticas de cuidado, no itinerário terapêutico destes sujeitos e na adesão ao tratamento, seja ele um itinerário e uma terapêutica que apresentem maiores ou menores interfaces com o SUS.

No que tange à utilização de plantas para cura de doenças, sabe-se que os povos indígenas detêm saberes relativos à manipulação e as utilizam de diversas maneiras, sendo uma delas em forma de rapé. O rapé constitui uma tradição cultural e espiritual e é utilizado por muitos povos indígenas do Brasil.

Para muitos destes povos, o rapé, além da utilização terapêutica, é um aliado na caminhada espiritual e nessa perspectiva, constitui-se como elemento vital utilizado em cerimônias e rituais de cura. Em muitos contextos, o rapé é um meio utilizado pelos curadores/pajés/xamãs para fazer o contato com os espíritos que auxiliam no tratamento. Cada povo estudado neste trabalho possui sua maneira própria de produzir tradicionalmente seu rapé. Existem diversas variedades, bem como diferentes tipos de plantas medicinais utilizadas em sua preparação. O rapé é preparado em forma de pó, que pode ser feito utilizando tabaco, ervas e cascas de árvores medicinais, que são moídos e transformados em um pó fino e aromático, que é soprado ou aspirado pelas narinas.

Se por um lado, a utilização rapé não tem respaldo nas legislações nacionais de saúde vigentes à, por outro, as plantas medicinais estão previstas no Sistema Único de Saúde (SUS), quando este publicou as bases legais para disciplinar a introdução da Fitoterapia e outras práticas (Homeopatia, Acupuntura, Técnicas Alternativas de Saúde Mental, Termalismo), no campo das práticas integrativas e complementares através da Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação (CIPLAN).

Apesar da implantação da prática da Fitoterapia nos serviços de saúde estatais ter ocorrido em 08/03/1988, pela Resolução CIPLAN No 8, esta é uma prática milenar, resultado de um acúmulo de conhecimentos repassados por meio da tradição oral por gerações de diferentes etnias, recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e que preconiza o aproveitamento da flora brasileira.

A implantação da Fitoterapia e de outras práticas integrativas e complementares no SUS foi referendada nas Conferências Nacionais de Saúde de 1996 (10 a), 2000 (11a) e 2003 (12a). Em 03/05/2006, a Portaria GM/MS, no 971 regulamenta a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde, com diretrizes e linhas de ação para Plantas

Medicinais e Fitoterapia no SUS e em 22/06/2006, por meio do Decreto Presidencial No 5.813 que aprova a “Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos”, com diretrizes que englobam toda a cadeia produtiva de plantas medicinais e produtos fitoterápicos.

Por outro lado, a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (2002) estabelece, entre outras questões, o incentivo aos estabelecimentos de saúde pela oferta de serviços diferenciados com influência sobre o processo de recuperação e cura dos pacientes indígenas (como os relativos às restrições/prescrições alimentares, acompanhamento por parentes e/ou intérprete, visita de terapeutas tradicionais, adaptação das acomodações, entre outros) quando considerados necessários pelos próprios usuários e negociados com o prestador de serviço (Brasil, 2002).

Todavia, é fato que ainda existem inúmeras dificuldades de concretização da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (2002) e a incorporação de práticas interculturais em saúde no âmbito do SUS enfrenta o desafio da discrepância de racionalidades e modos de compreender os processos saúde-doença e as práticas de cura adotadas pelos povos indígenas. Mesmo se considerado o uso de plantas medicinais, é notável que as explicações em torno de sua utilização, manipulação e efeitos são absolutamente distintas se comparadas às lógicas adotadas pelas políticas e pelos povos indígenas.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa participante, de abordagem qualitativa, cujos instrumentos adotados incluíram entrevistas semi-estruturadas e diário de campo. Os sujeitos da pesquisa foram constituídos por pajés, lideranças e membros de comunidades indígenas das etnias Kulina, Kaxinawá, Huni Kuin e Nawa (situados no Acre), etnia Potiguara situada no estado da Paraíba e etnias Baniwa e Tukano, situadas no Amazonas. Ao total foram realizadas 23 entrevistas. A coleta de dados foi realizada em comunidades indígenas dos Potiguara (PB), bem como em reuniões e encontros de lideranças indígenas realizados em Brasília, especialmente durante o Acampamento Terra Livre, realizado em 2015. Após a coleta de dados, as entrevistas foram transcritas e submetidas ao processo de análise com base na Análise de Conteúdo de Bardin (1977), que conduziu à apreensão de três categorias: “Rapé e medicina tradicional”; “Paricá e cosmovisão indígena”; “Transcendência e cura”.

## Análise e Discussão

### Categoria “rapé e medicina tradicional” - olhares do povo Potiguara

Os resultados indicam que, para os Potiguara, o rapé está associado a fins medicinais e é conhecido como: tabaco, torrado, espirrador e pelo próprio nome, rapé. Todavia, as entrevistas evidenciam que ainda existem jovens deste povo que não tem sequer o conhecimento da existência do espirrador dos Potiguara. É possível que isso seja decorrente do processo de discriminação e repressão sofrida pelos povos indígenas desde a invasão portuguesa.

Ademais, sabe-se que o rapé/tabaco sofreu grandes represálias no mundo, sobretudo a partir dos avanços das pesquisas médicas e das evidências de associações entre o tabagismo e doenças clínicas, tais como enfisema e diferentes tipos de câncer. Tais elementos colaboraram para a massificação da ideia do tabaco como uma substância prejudicial à saúde, especialmente nas últimas décadas do século XX. Provavelmente os Potiguara também sofreram com a discriminação do uso do tabaco. O fato é que há relatos da tradição do uso do rapé entre os entrevistados, como pode ser identificado no seguinte fragmento de entrevista:

*É... ele usava porque ele gostava, era a tradição do povo índio mais velho, era o torrado, não sei que pra outra parte era, mas desse daqui eu me lembro que era, não faltava! Não podia faltar! e fazia o torrado do fumo, daquele fumo legítimo, viu! Eles torravam ele, quando acabava, pisava, pisava, pisava, peneirava, pisava aí botava numa vasilha assim, quando queria só ia lá e usava”. (Aldeia Jacaré de Cesar/Paraíba – fevereiro 2015).*

O uso do rapé foi identificado em 10 das 33 aldeias do povo Potiguara e os entrevistados referiram ter conhecimento do uso passado e/ou presente da substância em outras aldeias não incluídas na pesquisa. Além disso, as entrevistas revelaram que o uso do rapé estava associado a alguma gripe, sinusite, dores de cabeça, fortalecimento espiritual, sensação de alívio, força, tradição, falta de ar, medicina e espirrar. Ademais, uma das entrevistadas afirma que as pessoas na sua comunidade usavam até quando nada tinham, o que remete a um uso cotidiano e tradicional:

*Usava ele (o avô), finado Mané da Silva, o pai de Chico de Augusto, finado Augusto. Devia faltar fumo no bolso dele, mas o torrado não. Usava direto. Até quando nada tinha. (Aldeia Alto do Tambar/Paraíba – fevereiro 2015).*

Outra questão importante é que uma anciã da aldeia Jacaré de Cesar diz que

nunca viu crianças fazerem uso do torrado. Em outras entrevistas, revela-se que este uso para os pequenos (jovens, crianças) estava associado à saúde/doença: eles só podiam usar se estivessem gripados.

*Usava... minha mãe botava. Oia eu acho que era, porque eu não via menino botar torrado, nera! era dele começou dele mesmo e minha mãe também. (Aldeia Jacaré de Cesar/Paraíba – fevereiro 2015)*

*Eu, quando pequena, até usei quando tava com o nariz entupido. Ai ia entrando dentro do nariz assim, e ia coçando e coçando e coçando. E só usava quando estava gripada. Pois não podia usar se não estivesse gripado não”. (Aldeia Lagoa do Mato/Paraíba – fevereiro 2015).*

É possível inferir que existia uma restrição quanto ao uso do rapé associado à idade, pois as entrevistas evidenciam que os pequenos somente utilizavam como tratamento para cura de gripe, ofertado pelos mais velhos. De fato, há outros relatos que sinalizam esta forma de uso. Na aldeia Forte foi encontrado mais um depoimento acerca do uso por uma criança em um fato inusitado. A mesma introduziu um grão de feijão em uma das narinas e seu pai o fez cheirar o tabaco para extrair o grão: “Usei para tirar um caroço de feijão que entrou no meu nariz. Meu pai colocou (rapé), espirrei e saiu (feijão)”. (Aldeia Forte/Paraíba – fevereiro 2015).

*Ressalva-se que o pai da entrevistada era um dos que mais tinha o uso do rapé no povo, usava diária e coletivamente. Mesmo assim, não há relatos de que ele tenha oferecido ou usado rapé com algum jovem, com exceção do caso relatado acima.*

Com relação à composição do rapé, no povo Potiguara ele é feito a base de tabaco (fumo de rolo) e alguns apresentam diferentes composições. Coloca-se Amescla (*Protium heptaphyllum*), pimenta malagueta (*Capsicum frutescens*), pimenta do Reino (*Piper nigrum* L.), alfazema (*Aloysia gratissima*), alecrim (*Rosmarinus officinalis*), erva-doce (*Pimpinella anisum* L.), cravo da índia (*Caryophyllus aromaticus* L.) e outros fazem apenas com o pó do tabaco. A fabricação do rapé se dá no momento em que separa a parte mais fina do fumo de rolo (película que envolve o fumo), a coloca em um caco (utensílio doméstico, panela) para torrar, até ficar seco. O próximo passo é pilar até virar pó, depois peneira em um pano fino.

Em relação às misturas das composições do rapé, foi encontrado apenas a associação da erva-doce com o cravo da índia em um rapé (aldeia Lagoa do Mato), e da pimenta com a amescla em outro (aldeia Alto do Tambar). Os demais são acrescidos ao tabaco isoladamente, que nos remete após, a análise desta pesquisa, a presença de no mínimo sete tipos de rapé diferentes, que se tem o uso no

cotidiano do povo Potiguara.

Chamo a atenção para o rapé com pimenta, que é uma particularidade do rapé do povo Potiguara. Ao que tudo indica, a pimenta malagueta era o tradicional elemento do rapé feito pelos Potiguara. Posteriormente a pimenta do reino foi introduzida como uma adaptação para este rapé, mas sem alterar sua finalidade de uso, até porque sabemos que a pimenta do reino tem origem asiática.

*Rapaz oia, eu, eu conbeço porque, é, é o seguinte, úú, o fumador ele tem de 3 tipos né, de coisa, ter a que... Aliás, os 4 tem o que fuma mermo, tem o que só faz fumar e jogar fumaça né (tragar),*

*E tem aquele que masca, e tem aquele que toma o tabaco né. Tabaco é o que? Pra espirrar, pra vim aquela energia né, o tabaco agora feito com que? Com a pimenta malagueta né, e feito com a pimenta malagueta, um pouquinho de pimenta do reino. Tinha os pés de fumo, pegava folha torrava, pisava, no pilão, peneirava bem peneirado, aí misturava e pisava a pimenta malagueta e misturava, agora né junto não”. (Aldeia Alto do Tambar/Paraíba – fevereiro 2015).*

*Bota uma peinha de fumo num caquinho quente e quando ta sequinho rela numa quenga, seja lá no que for. Dois pauzinhos de pimenta do reino, junto, pra secar junto. Depois rela tudo misturado, junta tudo, depois que tiver bem piladinho, aí coloca um pouquinho de amescla e rela com tudo. (Aldeia Alto do Tambar/Paraíba – fevereiro 2015).*

Por outro lado, com relação ao uso do rapé, conforme assinalado anteriormente, os dados evidenciam que os Potiguaras o utilizam mais expressivamente para fins medicinais e este uso é realizado sobretudo pelos mais velhos, pois os jovens não o conhecem. Esta característica do uso restrito à finalidade medicinal diferencia-se um pouco de outros povos indígenas, cuja utilização comumente é associada aos rituais ou, como mostra esta pesquisa, à cosmologia indígena. Com efeito, apenas um entrevistado Potiguara ancião falou que usara uma vez num ritual do Toré. Ele tem 56 anos, como pode ser observado no seguinte trecho:

*Ele era uma tradição né. E dava aquela, aquela, aquela força né... É, eu conheci, eu conheci até na, até na dança né, pegava assim um pouquinho assim (fbun'fbun) aí vinha aquela energia, aquela energia forte né. O cacique dizia: Vamos tomar um traguinho aqui, e é coisa qui eu, eu, pelo meu tempo eu analisei essas coisas, eu guardava muito isso né. A é eu senti, senti energia forte né, que vem! Ela mexe! Mexe com tudo quando você usa.*



*Usei com o grupo do Toré.*

*Aquele tempo, aquele tempo era o que? Severino, seu Pedro, Severino velho né... Exato ele serve, ele serve pra muita coisa né, porque na hora que você, você usa, você espirra bastante né. Ela vem e mexe, mexe com tudo mermo. (Aldeia Alto do Tambar, Paraíba – fevereiro 2015).*

Os relatos indicam que os mais velhos do povo, me refiro a um público acima de 30 anos, conseguiram conhecer o rapé no uso medicinal, para dor de cabeça, sinusite e outros. A figura do Daniel Santana, que foi um cacique geral Potiguara, junto com o grupo de lideranças da década de 80, usava rapé de forma cultural e cotidiana, quando tinha reunião levava o rapé, mas não agregava toda a comunidade, e sim as lideranças.

Na pesquisa conseguimos identificar que o uso não se deu de uma forma tão constante porque não houve incentivo ou que os pais e avós deixaram de fazer. Justamente devido ao surgimento dos remédios alopáticos, que transformou radicalmente a prática do uso do rapé pelos Potiguara, que nos afirma que este elemento era utilizado em grande parte como remédio tradicional. Em conversas com pessoas que tem mais de 30 anos e que dizem ter conhecido ou usado, alegaram que não usam ou continuaram usando porque deixaram de fazer (pais e avós) e por isso deixaram de usar.

*Que quando há incentivo, há incentivo, é... As coisas permanecem né, as coisas, as coisas permanece, porque você ver hoje eu conheço pessoas daqui, que até recusa de dá uma entrevista pro fi da terra pô, né! Porque é..., é novo e., você precisa ter conhecimento nessa história antiga que você num teve agora, quem sabe tem que fazer o que?! Quem sabe tem que ensinar”. (Aldeia Alto do Tambar/Paraíba – fevereiro 2015).*

*Não, esses negócios dos antigos, ninguém mais usa! Já tem o sorinbo... é mais fácil. Quando que uma moça hoje vai querer cheirar fumo? O negócio hoje é tudo orgulhoso. Hoje em dia o povo mais novo não quer mais saber dessas coisas”. (Aldeia Lagoa do Mato/PARAíba – fevereiro 2015).*

*“Agora dizem que o fumo ta fazendo mal, té a quem não fuma, que faz mal. Imagina colocar aquilo no nariz, né?! Ai, é isso, é isso que eu digo”. (Aldeia Grupiuna de cima/Paraíba – março 2015).*

## **Categoria “Paricá e Cosmovisão Indígena” –**

### **olhares de povos do Alto Rio Negro**

Os povos indígenas do Alto Rio Negro possuem várias especificidades,

muitas relacionadas à cultura local. A pesquisa foi realizada no município de São Gabriel da Cachoeira – AM, localizado na região noroeste do Estado do Amazonas. Dados demográficos do IBGE mostram que a população do município é de 37.896 habitantes: 90% da população total são indígenas distribuídos em 32 povos (etnias) diferentes, de origem dos troncos linguísticos Aruák, Maku e Tukano. Estes dados mostram a supremacia dos povos indígenas na região, o que infere diretamente nas características culturais, sociais, etnológicas, elementos de auto-identificação e autoafirmação.

A organização social dos povos indígenas no Alto Rio Negro está ligada à organização de acordo com a hierarquização dos clãs e sub-clãs e isso influencia diretamente nos costumes e culturas. Segundo Vidille (2006) “apesar de pertencerem a etnias distintas, comungam, grosso modo, uma mesma visão cosmogônica, coincidindo com algumas variantes regionais, mitos, crenças, alguns costumes e, principalmente, práticas terapêuticas”.

Os povos indígenas do Alto Rio Negro participantes desta pesquisa (Tukano e Baniwa) possuem 3 elementos essenciais ligados à cosmovisão: cigarro, paricá/rapé e breu, como meios de proteção física, do ambiente e do espírito, seja de algo individual ou coletivo. A proteção do corpo físico e espiritual se dá através do contato com os rituais e rezas que fazem a comunicação com os espíritos. Isso nos faz refletir sobre as particularidades dos processos de saúde e doença, cura e morte e a ligação com meio ambiente.

Muitas comunidades da região amazônica falam em rapé, mas no Rio Negro, a maioria dos entrevistados diz que é uma terminologia não utilizada em seu contexto, pois lá, tem-se uso do paricá. No conhecimento não-indígena, paricá, é considerado uma substância psicoativa, derivada de plantas ditas “alucinógenas” que induzem a ilusões e visões de outra esfera psíquica, com nome científico de *Piptadenia / Anadathera Peregrina*. Tem-se também o uso de outros produtos, como o ipadu, cujo uso tem o objetivo similar ao do rapé em outras regiões como no Acre é utilizado, muito mais para proteção das pessoas em momentos de intempéries, como por exemplo o frio, a chuva, longas atividades que comprometem o sono. O ipadu, arbusto da família das Eritroxiláceas (*Erythroxylum cataractarum*), pode ser mascado ou cheirado também em forma de pó, onde qualquer pessoa pode utilizar, desde que tenha o hábito. Ultimamente somente os mais velhos tem mantido essa prática.

O rapé seria uma outra substância 'qualquer', ou seja, popular: as pessoas podem fazer o seu uso e encontrá-lo em lugares diversos, sem estar relacionado a fins de medicina tradicional, proteção espiritual individual ou coletiva. Ou seja,

não há uma finalidade específica para o uso do rapé, diferentemente do paricá, que tem um significado étnico, social e espiritual para estes povos.

*Então rapé já veio de muitos lugares, ela é muito diferente de paricá e ela também é diferente em relação a Ayauasca. Esses o rapé exatamente não sei de que produto é e o uso dela, acho que nem tanto fim de medicina, muito mais pra sei lá, pra exposição, essas coisas, quase que a função do sintoma do guaraná puro, já o paricá não, ele tem uma função de uso médico tradicional (...) e os pajés usam com finalidade mesmo de diagnosticar uma situação, não e usado em qualquer momento, em qualquer lugar como se usa rapé, por exemplo, carrega no bolso e vai usando em qualquer espaço, não é assim o aaricá. (Brasília, Baniwa/ Amazonas, 2015).*

O uso do paricá é exclusivo dos pajés, que exerce papel de intermediador da espiritualidade em busca da proteção da comunidade. Eles são pessoas que ou nascem com o “dom” ou são filhos de outros pajés, seguindo a linha patrilinear dependendo do povo. Os pajés são iniciados e formados para ter acesso ao conhecimento de várias dimensões espirituais. Seu processo de formação também exige privações culturais para a reparação do corpo físico, mental e espiritual, para ser o detentor de todos os conhecimentos. Conhecimento este que é de prática individual, e para ser utilizado deve seguir regras. Quando tais regras não são seguidas, o pajé sente o efeito diretamente no corpo, podendo ser fatal.

*O paricá já é um produto, de uso basicamente exclusivo do xamãs, dos pajés [...] que permite então ao pajé, de alguma maneira atravessar a outra dimensão da vida, do mundo, no qual o pajé entra em contato, comunicação, em transe com os espíritos, da floresta, espíritos do mundo para poder então a com esses espíritos estabelecer diálogo e ter domínio do mundo, de forma mais abrangente e completa. Ai existe uma preparação, ai já não é qualquer um que usa, é inclusive perigoso, arriscado qualquer um usar. Tem todo um preparo e existe todo um conjunto de regras e de privações que precisam ser observadas, por exemplo, redução na alimentação, no sono, no convívio com as pessoas, antes do uso do paricá, então quase que exclusivamente em períodos cerimoniais de cura de doenças. (Brasília, Baniwa/ Amazonas, 2015).*

*E pessoas preparadas (pajé) que fazem jejum de comida, de sexo, não pode cheirar comida frita, peixe assado, não pode comer carne vermelha, pra não atrapalhar o crescimento espiritual. (Brasília, Tukano/ Amazonas, 2015).*

E para chegar a este conhecimento faz-se o uso do paricá elevando seus níveis de consciência e a pacificação dos espíritos, como um meio de comunicação do pajé com a outra dimensão, para afastar os males que possam afetá-los, vê as boas novas e males. Na prática do povo Tukano, faz-se a

comunicação com os espíritos dando-lhes rapé, ou seja, o rapé faz a abertura do canal entre os dois mundos. Wright relata em seu livro:

os pajés Baniwa colocam uma extremidade do osso na narina e outra na boca, soprando forte, ou as extremidades da forquilha são introduzidas nas narinas e o cabo no rapé, inalado com força [...]. Os pajés imediatamente olham para o céu, se levantam, e começam a cantar, acompanhados de seus maracás, assim abrindo os contatos iniciais com o “Outro Mundo. (2005, p. 169).

Durante o processo de formação do pajé, tudo ou quase tudo está relacionado à cosmologia e ancestralidade, como a descrição que o espaço tem muitas camadas tanto para cima quanto para baixo da terra, e que a doença está em todos esses níveis e o pajé é quem faz a identificação e retirada da doença nesses espaços. O conhecimento de cada paricá vai variar de acordo com o domínio de cada clã/sub-clã ou da sabedoria do pajé, nenhum pajé e nenhum paricá é igual e isso faz parte dos próprios mundos de disputas que estes estão envolvidos, como espaço, poderes e conhecimento ancestral individual. Existem vários tipos de paricá, mas seu grau de força para o acesso a outra dimensão de mundo vai depender de quem prepara, assim podendo ser forte, menos forte ou mais forte.

A ligação com os espíritos faz-se caracterizando-os como pessoas que tem sentimentos. Caso as regras estabelecidas culturalmente em cada comunidade, acredita-se que os espíritos vão embora. Como são eles o que realizam o manejo do meio ambiente, este entrará em desequilíbrio com a partida dos espíritos, perdendo sua conexão com o pajé. Por isso os dabucuris<sup>1</sup> (é uma palavra em nhengatu, que faz referência aos rituais de troca entre etnias/povos indígenas) existem, já que eles são uma forma de agradecimento ou de pedir para que os espíritos continuem ajudando aquela comunidade. Os povos indígenas têm ligações muito fortes com o meio ambiente, por isso a sua territorialidade e esta relação de equilíbrio com a natureza são necessárias para proteger a saúde física, emocional e espiritual. Essa prática fica evidenciada num dos relatos dos entrevistados que explica como é a relação do paricá com o pajé, seu conhecimento e meio ambiente.

*E isso eles (pajés) seguem muitas regras, qualquer regra quebrada pode ser fatal até pra vida dele, então uma vida bastante cuidadosa sim pra poder manejar e ser útil nessa formação [...] tipo que eles fazem manejo, eles que faziam o manejo de caça e pesca e inclusive pra dar muitas frutas, eles que acessam esses espaços, eles que manejavam. Um*

*desses estudos que a gente fez dos últimos tempos, que fizemos na região, mostra que isso que fazia ter muitos peixes, muitas caças, muitas fruteiras [...] eles (espíritos) se escondem se ninguém os manejar, porque a humanidade as pessoas são maliciosas por sinal, por natureza mesmo, falando mal de alguém o tempo inteiro, e isso também como eles são vidas, são pessoas no seu ser também, eles vão fugindo também desses espaços [...] somente os pajés faziam isso. (Brasília, Baniwa/ Amazonas, 2015).*

As relações da associação do paricá com a mitologia da origem do mundo em ambas etnias é percebida fortemente a partir dos relatos, conforme mostramos a seguir:

*Rapé (silêncio) é uma das plantas da cerimônia para proteger o espírito, espírito do homem, o homem é uma palavra genérica, mas quando nós entendemos que é do ser humano de homem e de mulher. Esse uso de rapé tem uma longa história no nosso povo: quando aquelas pessoas que usam o rapé, nós falamos da criação da humanidade e quando o criador do Universo nos criou, as estrelas, os sóis e por último criou o mundo, o mundo era composto de água e de terra, mas não tinha tudo, também inventou tabaco, uma família de tabaco [...] então essa coleção de tabaco é de propriedade nossa, dos antigos, que Deus usou sem cerimônia e depois no bastão sagrado (diante dali) assoprou a fumaça em direção ao mundo e assim foi a primeira fecundação da vida no mundo. Então a fumaça quando caiu na água deu uma pulsação minúscula e assim começou a vida, era o peixe [...]. Então a fumaça é pra proteger o espírito de uma mãe para que tenha uma vida plena de Deus que a sua vida se torne um pensamento, uma fumaça, que existe mas ninguém vê, então você nunca vai ficar doente, nenhum dos seus inimigos físicos e espirituais vai poder atrapalhar a sua vida, pra proteção espiritual contra todos os tipos de doença. Então por isso o tabaco, o rapé é importante para benzer o meio ambiente. As crianças quando nascem nós fazemos cigarro com rapé, defumamos a casa com cigarro, com breu, pedindo proteção espiritual para os nossos filhos, então rapé é isso, contexto de sabedoria antigo para transformar nossos filhos, nossas filhas em espíritos, espírito não morre e nem fica doente, este é o sentido do uso do rapé. (Brasília, Tukano/ Amazonas, 2015).*

Logo a mesma pessoa diz:

*O paricá é desde a origem do mundo, assim paricá e cigarro, eles são fundamentais na formação e na concepção da vida, da vida pra vida, no nascimento dos seres humanos na nossa mitologia [...] ela tem uma história, que eu não sei contar direito, mas a história é assim: existia - tem vários personagens na nossa história - "Nhapirikuli" (ser mítico da origem da criação), e cada pessoa dessas tinha suas funções e essas pessoas eram que vieram formar o mundo que a gente tá vivendo hoje, a gente chama de 'warimanãe' então, é... eu traduzo assim: eles vieram conquistar o direito pra gente ser humano hoje e as*

*plantas viraram plantas, animais viraram animais, as pedras ficaram pedras e tatata [...] o paricá vem depois de todas essas conquistas, o último conhecimento deixado pra humanidade. Em Baniwa, existia uma árvore chamada 'caracãdava'. Essa árvore naquela região nossa do Rio Içana, os filhos do Trovão que derrubaram essa árvore, a árvore era enorme e tinha que ser derrubada, porque o símbolo do conhecimento do paricá estava entre muitas fruteiras nessa mesma árvore, essa é a origem de plantas domesticadas que a gente cultiva até hoje em dia, só que esse paricá era muito protegido pelas formigas, pelos marimbondos, tudo, né, quando finalmente derrubaram, aí tem o personagem da anta, considerado animal egoísta na mitologia. Segundo Wright, todos os animais se juntaram com o objetivo de pegar o paricá e ninguém conseguia porque ela era protegida e ninguém conseguia chegar perto e a anta que conseguiu tirar, sé que quando ela pegou isso, o paricá tem poder de transformação, antigamente dizem que transformavam em onça, como se fosse o máximo nível de formação do pajé [...] e esse paricá quando a anta pegou esse poder, a primeira coisa que ela pronunciou era que queria comer gente. Por isso, Nhapirikuli trabalhou pra roubar esse paricá dele [...] e por isso Nhapirikuli tomou esse paricá pra nós, só que com o tempo, pela desobediência que eu chamo da humanidade, por causa de alguns homens e mulheres e foi se perdendo e transformando numa planta, é uma planta, e ele que deixou essa planta: 'Dzátuna' (árvore do paricá) que eu to falando e o por isso o símbolo dela que tem poder de alcance tanto pra cima quanto pra baixo. Ela é responsável pra levar a visão desse pajé, faz leitura das nuvens, ele vai colocar como uma lente, um microscópio, vai enxergar tudo, então essa é a função. Eu costumo dizer como se fosse internet, senba pra acessar o mundo, pois os velhos conseguiam fazer uma reza pra proteção de uma mulher, do rapaz, de qualquer doente, citando todos os quatro cantos da terra, pra cima e pra baixo para proteger as pessoas e sabe que existe o mar sem ter conhecido eles, sabe que existe o outro lado do mar, sabe como o mundo se organizou e porque essas maldades existem.*

Por isso existem vários tipos de 'espécie' de paricá. Cada árvore define a intensidade da conexão. Portanto, o paricá não é um produto único, e sim heterogêneo de acordo com o povo e a cultura. Às vezes até o mesmo povo de regiões diferentes os torna também únicos, por isso que tem a ligação com o conhecimento de cada clã, ou sub-clã, e o domínio que cada um tem.

*A gente não sabe, nunca ninguém pesquisou se os Yanomami usam o mesmo tipo de paricá, o mesmo tipo de planta vamos dizer assim. Pode ser que seja o mesmo nome, mas é diferente, os outros povos têm usado o mesmo tipo de plantas, mas ninguém pesquisou, eu só sei que dentro do conhecimento - meus tios são pajés - tem alguns tipos de árvore dessa árvore aí, alguns grupos assim que eles chamam de falso paricá e tem o verdadeiro paricá e tem o mais ou menos paricá, em relação a intensidade, eu só sei ele assim só, mas eu*

*conheço ele no mato.*

*No é um conhecimento que podem ser comparados ao conhecimento da escola que se pode passar universalmente às pessoas e considerando pra outros povos, ele é muito ligado ao perfil etnológico étnico de um determinado povo, por exemplo, o paricá dos Baniwa é só de domínio dos Baniwa, dificilmente os Baniwa vão passar pra outros e dificilmente os outros tem interesse de acessar. (Brasília, Baniwa/ Amazonas, 2015).*

A utilização do paricá não é realizado em todas as comunidades indígenas. Seu uso é restrito a esses povos que possuem ancestralmente a prática. As representações Baniwa de causalidade de doença, de cura e de morte estão contidas na ideia likoada, ou seja, um sistema de obrigações recíprocas que regula as trocas que intermedeiam as interações de reciprocidade positiva ou negativa, que os seres humanos efetuam entre si e com entidades sobrenaturais (Sahlins, 1983).

No mais, observa-se a presença muito forte da cosmovisão durante a fala dos entrevistados, relacionando todos os seus processos de adoecimento, cura, proteção espiritual para o corpo físico, manejo do meio-ambiente, todas relacionadas à figura do pajé e seu conhecimento ancestral advindo da prática do paricá. Permissões e conexões entre os mundos, através das cerimônias e cânticos, simultaneamente.

Atualmente poucas comunidades fazem o uso do paricá. Esta prática está sendo perdida, mas a região da Cabeceira do rio Waiari está em processo de formação de dois novos pajés, um processo de conscientização, de valorização cultural das práticas ancestrais baseadas na cosmologia do povo.

### **Categoria “Transcendência e cura” – olhares de povos indígenas do Acre**

De acordo com os resultados encontrados, nota-se a importância do rapé dentro da cultura indígena, em que cada indígena, independente do povo ou cultura, valorizam e preservam os valores reais que esta prática tradicional lhes proporciona. Segundo Fornasier (2013) o rapé é uma medicina tradicional de conexão, pois tem o poder de acessar diferentes dimensões, por isso, torna-se imprescindível o uso em ambiente calmo e seguro. É consenso entre todos os entrevistados do Acre que o rapé é sagrado e de acordo com Fornasier, este remédio tradicional tem um grande poder de cura, proteção, além de conexão com o mundo espiritual. E que desde seus antepassados esse conhecimento sobre o preparo e utilização vem sendo passado de pai para filho. No entanto, relatam que não podem compartilhar o segredo do rapé de qualquer forma sem ter o

mínimo de conhecimento sobre quem receberá a informação e qual sua intenção.

Faz-se necessário destacar a importância da natureza e sua relação com os verdadeiros sábios indígenas, os pajés, detentores de riquíssimos conhecimentos. De acordo com Ramos (2001), nas sociedades indígenas os pajés, também conhecidos por xamãs, são os intermediários entre o social e o sobrenatural, utilizando em suas práticas substâncias naturais, dentre eles o uso do rapé. Ficou evidente, através de relatos dos indígenas entrevistados o quão importante e necessário é a conexão de saberes entre o pajé e a natureza, conforme foi observado na seguinte fala:

*Existe o segredo da natureza e nós respeitamos, os pajés estão conectados com a natureza e isso é muito forte, eles nos recomendam a utilizar depois dos 30 ou 35 anos que é quando estamos mais maduros e compreendemos a força da natureza e sabemos lidar com a mesma”. Ressalta-se ainda que quando não se valoriza a força da natureza ou simplesmente desconhece seu poder o uso do rapé é simplesmente em vão. (Irabu, Kaxinawá/Acre, 2015).*

Segundo relatos coletados no processo de pesquisa de campo, os entrevistados falam que o rapé é uma mistura de medicinas, já que envolve várias técnicas e ingredientes para confeccioná-lo e potencializá-lo para diversos fins culturais ou medicinais. Eles enfatizam que o procedimento de elaboração do rapé não é “falado” atualmente, como observa-se na seguinte fala:

*Isso é segredo de cada povo. Você tem que passar por várias ciências para poder aprender a fazer o rapé, então você não faz de qualquer forma e nem explica pra uma pessoa de qualquer maneira. Você primeiro tem que participar daquilo até sua formação chegar e você mesmo fazer o seu próprio rapé, e aí sim você vai ter seu conhecimento sobre tal”. (Tahpahpa, Huni Kuin/Acre, 2015).*

Em um ritual de aprendizagem de elaboração de rapé em uma das etnias pesquisadas foi relatado de acordo com (Nini, Kulina/Acre, 2015):

*O pajé tira o “duri” (conhecimento) e passa pro rapaz e nesse tempo o rapaz não pode “fura couro” (transar). Depois de um mês o pajé manda ir no mato de noite e depois pajé vai lá e encontra o rapaz que já está sentado e dar assopros de rapé, aí o rapaz cai e depois passa “duri” pra ele, aí pajé já vem, nisso as mulheres ficam cantando, cantando até o rapaz levantar.*

Ressaltam, ainda, que o rapé não deve ser utilizado de qualquer forma. São utilizados sempre em ritos culturais, onde acredita-se que proporcionará diversos



benefícios, dentre eles, o fortalecimento da mente e corpo, abrindo novos caminhos e fazendo com que tenham novas ideias, ideias boas. Há ainda o uso para fins medicinais que foi compartilhado por todos os entrevistados que o rapé é algo realmente sagrado, observado na fala a seguir:

*[...] é um verdadeiro remédio que age na cura de gripes, sinusites, dores musculares, entre outras doenças e que é o pajé determina qual o rapé a ser utilizado e você recebe o assopro e a força do espírito cura você.* (Paxiúba, Nawá/Acre, 2015).

Ainda tem o rapé que é utilizado para evitar fome dos indígenas, de acordo com (Nini, Kulina/Acre, 2015): “Tem o rapé que é colocado no lábio (na parte interna) que é utilizado para “passar fome” (evitar fome), quando vai caçar utiliza, aí não passa fome, anda o dia inteiro no mato e não sente fome”.

Entre os diversos tipos de rapés citados durante a pesquisa foi relatado que a força de cada um deles depende para quais fins serão destinados. O seu potencial que vai indicar a utilização de cada rapé. Para ter ideia da importância do rapé e sua conexão com a natureza foi mencionado a seguinte frase “já que ele é feito da natureza e nós somos filhos da natureza, faz parte da medicina tradicional”.

Esta cultura do rapé é disseminada entre os povos indígenas quando são realizados encontros culturais, já que as pessoas que vão a estes encontros levam consigo rapé para utilizar nos rituais e acabam compartilhando este saber com outros povos que ali se encontram. No entanto, são repassados apenas conhecimentos básicos sobre estes rapés devido as diversas questões citadas anteriormente.

Mas devido a diversidade cultural bastante extensa que há entre os povos indígenas “não utilizamos qualquer rapé, só utilizamos quando o nosso pajé autoriza, quando ele já tem o conhecimento sobre tal rapé”. (Irabu, Kaxinawá/Acre, 2015).

## **Considerações Finais**

A pesquisa evidenciou que os entrevistados do povo Potiguara atribuem ao rapé o significado específico medicinal, diferentemente dos demais. Por outro lado, os povos Baniwa e Tukano traduzem sentidos indissociados da cosmovisão indígena e conexão entre as dimensões física e espiritual vinculadas à ideia de proteção e harmonização das relações entre o homem e a natureza.

Por fim, os povos do Acre parecem revelar uma espécie de fusão entre as

concepções encontradas entre os povos da Amazônia e da Paraíba, evidenciando sentidos transcendentais e também físicos, atrelados às práticas tradicionais de cura. Embora não seja possível generalizar os significados encontrados, é curioso observar que, entre os entrevistados, precisamente o único povo que apresentou concepções e sentidos do rapé estritamente vinculados ao âmbito físico e curativo foi justamente àquele situado no litoral e, como tal, mais exposto às primeiras opressões e interferências culturais geradas pela invasão portuguesa.

### Referências bibliográficas

- Bardin, Laurence (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Brasil. Fundação Nacional de Saúde (2002). *Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas*. 2ª edição. Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde.
- Côgo, Robson (2014). *Amescla Protium heptaphyllum (Aubl.) Marchand.; Flora do RN*. Recuperado de <http://farmaciasvivas.blogspot.com.br/2014/02/amescla-protium-heptaphyllum-aubl.html>
- Fornasier, Vinícius Casagrande (2013). *O uso ritualístico do rapé*. Disponível em: <http://vinifornasier.blogspot.com.br/2013/01/o-uso-ritualistico-do-rape.html?spref=fb>
- Langdon, Esther Jean; Wiik, Flávio Braune. (2010). Anthropology, health and illness: an introduction to the concept of culture applied to the health sciences. *Revista latino-americana de enfermagem*, 18(3), 459-466..
- Ramos, Alcida Rita (2001). *Sociedades indígenas*. São Paulo: Editora Ática.
- Sahlins, Marshal. (1983). *Economía de la Edad de Piedra*. Madrid: Akal.
- Vidille, Wagner (2006). Xamãs e os espíritos ancestrais. *Psyché*, 10(19) 47-64.
- Wright, Robin (2005). *História Indígena e Indigenismo no Alto Rio Negro*. Disponível em: [file:///C:/Users/HP/Downloads/fulltext\\_stamped.pdf](file:///C:/Users/HP/Downloads/fulltext_stamped.pdf)
- Fonseca, Zulmiro Alves (2005). *Pimpinella anisum L. – Erva doce*. Recuperado de <http://www.uruguaypiensa.org.uy/imgnoticias/765.pdf>  
[http://www.plantamed.com.br/plantaservas/especies/Pimpinella\\_anisum.htm](http://www.plantamed.com.br/plantaservas/especies/Pimpinella_anisum.htm)
- Sociedade Brasileira de Farmaconosia (2009). *Histoquímica do cravo*. Recuperado de